



*Brújula*  
Volume 10 • Spring 2015

## En Route

---

### *Conhecer a língua do outro: caminho à integração latinoamericana*

**Carla Buj**  
Universidad Nacional de Cuyo

Falar de integração Latinoamericana hoje não pode ser feito de forma unidirecional. Nos tempos do bicentenário das independências no Cone Sul, pensar nos movimentos emancipatórios é pensar em fatores de políticas, sociedade, cultura e, claro, inclusão. Mas o problema real que estamos vivenciando no Cone Sul é uma divisão linguística por falta de conhecimento da língua do outro, neste caso, o português, idioma do país vizinho Brasil.

O motor que nos levou a realizar o seguinte artigo foi a experiência vivida no "XVI CLAE"<sup>1</sup> Congresso Latino americano e Caribenho de estudantes "para a integração latinoamericana", realizado no ano 2011 em Montevideú, Uruguai,

---

<sup>1</sup> CLAE: Congresso Latinoamericano e Caribenho de estudantes, "Para a integração Latinoamericana"

que acontece a cada dois anos, em diferentes latitudes do Continente; reúne professores, estudantes e movimentos, que participam ativamente na construção de políticas interamericanas de união, cooperação e coparticipação entre os países.

No referido congresso, pudemos vivenciar efetivamente a problemática comunicacional que divide os países do Cone Sul, devido a que os agentes intervenientes no processo comunicativo não compartilhavam o mesmo código linguístico. Por ser um encontro interamericano, participaram também estudantes do Brasil, e chamou nossa atenção que quando se misturaram estudantes argentinos e brasileiros, observamos que a comunicação tinha uma falência por falta de competências idiomáticas. Barreira que levava os agentes intervenientes na comunicação a fracassar totalmente.

Os estudantes que participaram dormiram nas sedes das universidades anfitriãs, esse foi o nosso terreno de experimentos. Foi realmente uma experiência de convivência entre estudantes da Colômbia, do Equador, do Paraguai, da Venezuela, de Cuba, do Chile e, claro, do Uruguai. A “Comunidade” que surgiu compartilhava diversos âmbitos. Em uma faculdade em particular, dividiram o mesmo espaço uma turma dos estudantes da Argentina e uma turma de estudantes do Brasil. Ainda que o castelhano e o português sejam línguas latinas, corroborava a barreira idiomática entre os participantes. Do total dos assistentes ao CLAE, uma minoria era capaz de

manter uma comunicação efetiva com os companheiros do Brasil, levando sem querer a um tipo de exclusão, quase a se repelirem entre si ou a utilizar línguas francas como o inglês e o francês para se comunicar.

Mas todo mudou num típico dia do outono em Montevideú quando caiu uma tempestade que fez com que todos permanecessem dentro do centro de estudos, dando como resultado uma convergência de estudantes de diferentes línguas. O fator natural, externo como a chuva, foi a solução para que argentinos e brasileiros começassem a se comunicar, estranho porque fizeram isso sem compartilhar seus idiomas. Resolveram comunicar-se sem palavras, mas com construções culturais que no fundo unem as nossas vidas; surgiram intercâmbios com a música, o chimarrão e as danças típicas, contornando o mito da rivalidade dos países vizinhos.

Mas por que não conheciam a língua do outro? Se são países que limitam, que formam parte duma mesma região. Por que tinham que acudir a línguas como o inglês ou o francês? Por que é que não é acessível a todos o estudo das línguas?

*Após essa troca de experiência, defendemos mais do que nunca que o ensino de português nas escolas da Argentina e da América Latina é uma necessidade urgente, concreta e empírica.*

Em termos de dominação e exclusão, não podemos deixar de reconhecer, como diz Pierre Bourdieu, que também são feitas no plano das ideias, da

educação, que as culturas dominantes incidem diretamente nas escolhas do que a escola tem que transmitir. Por que as línguas estrangeiras são privilégio de uns poucos? Enquanto não houver igualdade social, não haverá real integração nos países do Cone Sul. Abrir as oportunidades aos outros é realmente pensar em TODOS.

Argentina e Brasil, como países irmãos, que se unem na cultura, na história, e no povo, merecem ser entendidos como tais, e fazer consciente a luta da integração.

Nós, como professores, somos agentes comunicadores e transmissores da linguagem. Dessa forma, temos que adotar uma postura crítica de nossa labor docente; devemos posicionar-nos como atores ativos no processo de integração latino-americana, causa que já está em marcha.

### **Mas por que é que defendemos o ensino de PLE?**

Partimos da base das similitudes da Argentina e do Brasil, que compartilham vida, história, têm raízes similares e festas populares com significados comuns. Há também uma irmandade disposta a despertar e transitar juntas por este caminho; a fraternidade se vive, sente-se, mas sobretudo se constrói.

A linguagem é reflexo da proximidade, da amizade entre os povos, da mistura de culturas, sendo fundamental ir além das políticas de Estado, vendo a

integração como um sentimento nos habitantes de América do Sul, apresentando-se como uma necessidade urgente, e a tarefa na educação tem que ser ciente disso, replanejando seus passos.

Os dois países são participes ativos do MERCOSUL<sup>2</sup> e da UNASUL<sup>3</sup>, são uma parte muito importante no desenvolvimento das políticas dos mesmos, e junto com a universidade latino-americana forjam uma consciência integracionista e têm a função de preparar os estudantes para este propósito. Na América Latina, uma das regiões do mundo onde se tem teorizado mais sobre a integração e a coparticipação do conhecimento, observa-se que o fato de compartilhar a linguagem adianta estes processos de união e integração.

Então temos os organismos internacionais, temos um sentimento produto de uma criação cultural... A pergunta continua sendo por que é que não se conhece a língua do outro?

Há leis que respaldam o ensino de português nas escolas, como a lei 26.468/09<sup>4</sup>, que diz no seu primeiro artigo que: "... o ensino do Português nas escolas do nível médio será obrigatório...em cumprimento da Lei Nº 25.181<sup>5</sup>".

Mas com esta lei apresentou-se uma nova problemática: não se tinha professores

---

<sup>2</sup> MERCOSUL : A Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai assinaram, em 26 de março de 1991, o Tratado de Assunção, com vistas a criar o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

<sup>3</sup> UNASUL : A União de Nações Sul-Americanas é formada pelos 12 países da América do Sul. Foi criada durante a Reunião Extraordinária de Chefes de Estado e de Governo, em Brasília, em 2008. São eles: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

<sup>4</sup> Lei Nacional Argentina de ensino obrigatório de português nas escolas de ensino médio.

<sup>5</sup> Lei Nacional Argentina de 1993 de tratados internacionais com o Brasil, cooperação educativa e cooperação cultural.

graduados nas universidades. O curso de “Letras Português” existia só em duas Universidades Nacionais da Argentina, dessa forma, a tarefa de base com máxima urgência na Argentina, e nos países hispano-falantes do MERCOSUL era, portanto, o estabelecimento de cursos de formação de professores de português como língua estrangeira no bojo das escolas de educação superior.

Uma das ações concretas que podemos mencionar é que em Mendoza a Universidade Nacional De Cuyo, junto com o consulado brasileiro, criaram em 2010 o “Curso de Letras Português” na Faculdade de Filosofia e Letras, curso formativo de quatro anos de duração com perfil de docentes que poderão trabalhar em universidades e escolas de ensino médio.

Trata-se, sim, de um avanço na aplicação do ensino, mas temos uma tarefa transcendental ainda por assumir, que é a de fazer efetiva a mesma, defendendo os direitos e cumprindo a obrigação latino-americana da união. Tarefa que vai junto com pesquisas, produção de material e sobretudo práticas políticas que garantam a defesa de nossos direitos.

### **Por que é importante o ensino do português nas escolas?**

Vamos começar falando de que todas as sociedades, ricas ou pobres, orais ou letradas, reconhecem o valor multidimensional de aprender uma nova língua. O problema dos países hispano-falantes é que o francês e o inglês são geralmente as línguas estrangeiras importantes; mas o português é uma das línguas oficiais

do MERCOSUL e da UNASUL, além de ser a língua de um país de dimensões continentais como o Brasil e nosso país vizinho.

O fato de que os países que colonizaram aos povos do Sul, mantiveram até hoje uma relação de domínio (econômico, político e cultural) sobre os países chamados tristemente do “terceiro mundo”, faz que sua cultura seja considerada parte da cultura oficial que nos diz como tem que ser o modelo de ensino, que temos que ensinar e quais são os elementos culturais básicos na aprendizagem. Línguas como inglês e francês são ensinadas nas escolas de ensino médio da Argentina consideradas línguas de prestígio. Mas até quando vamos excluir o português? Falamos de uma necessidade que vai além das gramáticas, falamos de união dos povos do Cone Sul para terminar com o preconceito sobre a América latina, o mesmo preconceito que diz que o Português oficial é o produzido em Portugal, reduzindo injustamente o Brasil a uma simples mistura de raças. Essa é a dominação que se reflete sobre os currículos das escolas, esse “currículo oculto” que não explicita a ideologia que tem por trás. Estamos na construção de uma América que no dia a dia tenta se adiantar a mais um lugar no caminho da integração, mas precisamos entender que por muito tempo acreditamos nesse domínio e consumimos essa “Cultura oficial”, excluído à nossa, mas que agora estamos na hora do Sul, a pergunta é: *Que vamos fazer com estas novas ferramentas?*

Gente! falamos de unir os povos, mas esquecemos um elo fundamental nesta corrente que é a parte de dar a conhecer a cultura do outro. Se as populações não conhecem o outro, se tem medo do outro, como vai ser possível nossa ideia de construção duma nação HUMANA UNIVERSAL?

Até aqui, se você entendeu a nossa posição, se entendeu que Argentina e Brasil, merecem ser vistos como parceiros que marcham juntos, então é fundamental responder às seguintes perguntas, que vão encaminhar o seu labor como docente crítico, político e ativo... *como vamos entender a língua? Como vamos entender o nosso papel como docente?*

Como estamos falando no âmbito da UNASUL, vamos dizer que tomamos o português do Brasil como modelo de ensino nas escolas. O Brasil é a principal comunidade lusófona do planeta, e pode também ser considerada como o maior foco irradiador da Língua Portuguesa.

Neste âmbito, a variedade brasileira começa a adquirir valor significativo quando se trata do ensino do português nos países do MERCOSUL, a participação do Brasil como país membro, assim como a importância econômica e cultural deste país e a proximidade da sua produção de língua fazem impensável ensinar outro português.

Além disso, o país vizinho compartilha conosco história, lutas, desejos, utopias e propósitos comuns. Isso formou sua ação, que precisa ter bandeiras acima, uma luta latino-americana que tenta conformar um governo mais

igualitário, mais humano, mais nacional e popular, enfim, um governo realmente para todos.

A nossa tarefa é fazer do aprendizado do português uma aprendizagem significativa, com atividades envolventes e relevantes que ampliem a consciência cultural. No nosso caso, o ensino de língua portuguesa contribui para formar cidadãos latino-americanos com uma consciência mais ampla que pense como conjunto humano, conjunto que avança.

Se tomamos a cultura, de acordo com Marilena Chauí, como “a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística” (Chauí, *Um convite à filosofia* 295), é coerente que tomemos a educação, como construção conjunta, como uma negociação entre os saberes do outro e os saberes que vamos transmitir, educação concebida como uma visão de mundo.

“A linguagem se faz na sociedade sob as marcas da história e da cultura. A história de todos os povos, de todos os grupos, de todas as culturas, tem intersecção com a história de suas línguas.” (Antunes, *Língua, texto e ensino* 36).

As línguas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São reflexão, são mudanças, são mecanismos de identidade.

Para deixar em você uma semente, a qual pretendemos que cresça batendo forte no seu propósito como professor e baseados na postura do Paulo

Freire, concluiremos que o educador deve ser consciente de que toda tarefa de ensino leva consigo um labor político, pois somos intelectuais transformadores. Além disso, somos formadores de opinião e, assim sendo, temos a obrigação de estimular o pensamento crítico em nossos estudantes, assumindo assim um caminho coerente.

Essa educação libertária deve instigar o educando a aprender com vontade, de maneira significativa, de forma que ele sinta-se parte daquilo que está aprendendo: com pertinência, como um cidadão latino-americano ativo na construção de dita identidade.

A história tem demonstrado que a intencionalidade dos povos é a construção de uma NAÇÃO HUMANA UNIVERSAL. A ferramenta viva que abre o futuro de transformação social é a LÍNGUA entendida como um conjunto de saberes, idiosincrasias, conhecimentos e sobretudo um construto histórico. É por isso que precisamos de professores críticos, que façam própria a causa latino-americana, que entendam a importância real da tarefa docente.

É preciso, no entanto, que as ações sejam concretizadas; temos que lograr que sejam substituídas por políticas de Estado que façam políticas das línguas do MERCOSUL.

E como dizia um dos pais da “Pátria Grande”:

“A unidade dos povos não é simples quimera dos homens, senão inexorável decreto do destino.” Simon Bolívar

### Obras citadas

- Almeido Filho, José Carlos Paes. *Fundamentos de Abordagem e Formação no ensino de PLE e de Outras Línguas*. São Paulo. Pontes Editores, 2011.
- Antunes, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo. Parábola Editorial, 2009.
- Bagno, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo. Edições Loyola, 2000.
- Chauí, Marilena. *Um convite à filosofia*. São Paulo. Editorial Ática, 2010.
- Freire, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro. Editorial Paz e Terra, 1967.
- Código Civil. República Argentina. Lei N° 26.468. 2009.